

CONDUTAS PEDAGÓGICAS SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Elizabeth Vieira dos Santos Esplendor^{*}
Eliane Rose Maio Braga^{**}

RESUMO

Para que ocorram mudanças de condutas pedagógicas, na escola, com a intenção de atingir à equidade de gênero, não se deve contemplar nenhuma forma de discriminação. Por essa razão, o objetivo deste trabalho foi intervir na orientação de professores/as, funcionários/as e alunos/as sobre a construção de gênero, ou seja, sobre as diferenças entre o masculino e o feminino, calcados no funcionamento do cérebro e dos hormônios, na socialização, na cultura e na orientação sexual escolar. E para que isso fosse possível, identificamos situações do cotidiano escolar, sob a perspectiva dessas diferenças de gênero, tais como: jogos na aula de Educação Física, formação de filas, etc. Desta forma, trabalhamos, com os/as professores/as do Ensino Fundamental, um curso de extensão fornecido pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), no período de fevereiro a maio do ano de 2009, no qual realizamos estudos de textos, atividades, analisamos a comunidade escolar por um questionário e organizamos a elaboração de um projeto para a mudança desta mesma realidade. E foi graças ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), por meio de seus cursos e contatos com as Instituições de Ensino Superior, que recebemos a capacitação para a efetivação desse Plano de Trabalho Docente na escola.

Palavras-chave: Construção de Gênero. Condutas Pedagógicas. Orientação Sexual. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

In order to occur changes of pedagogical conduct at school, it should not contemplate any kind of discrimination, with a view to get the equity of gender. On that account, the aim of this work was to interfere in orientation of teachers, employees and students about the construction of gender, it means, about the differences between masculine and feminine, based on hormone and brain action, in socialization, in the culture and scholar sexual orientation. And, in order to be possible, it was identified scholar daily situations under perspective of these differences of gender, such as: games in Physical Education class, to queue up, etc. This way, it was worked with the teachers from middle school, a course of extension provided by UEM, from February to May in 2009, in which it was made studies of texts, activities, it was analyzed the scholar community by a questionnaire, and

^{*} Professora em Ciências Biológicas e Especialização em Morfofisiologia Humana, UEM/Universidade Estadual de Maringá, Maringá –PR, e-mail: elizabetheSplendor@seed.pr.gov.br

^{**} Doutora em Educação, UNESP/Araraquara, e-mail: elianerosemaio@yahoo.com.br

organized the elaboration of project in order to change this reality. And it was thanked to PDE (Developing Education Program), by means of its courses and contact with the College Institutions, it was received the capacity to accomplish this Professor Paper Plan at school.

Key words: Construction of Gender. Pedagogical Conduct. Sexual Orientation. Middle School.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época marcada pela construção social dos papéis masculinos e femininos oriundos da relação de poder estabelecida entre homens e mulheres. Esta diferença, porém, tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade ainda não tem oferecido às mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a todos/as (PEREIRA et al, 2007).

As instituições escolares fabricam os sujeitos que a frequentam, ou seja, elas são produzidas por eles e pelas representações de gênero que nelas circulam. Assim, nestas instituições pode haver a produção de diferenças e desigualdades destes indivíduos, e também a informação, do que cada um/a pode ou não fazer e do lugar que meninos e meninas devam ocupar (LOURO, 1997).

Sendo assim, a escola, juntamente com os seus/suas educadores/as, tem um grande papel na não-perpetuação da hierarquia de gênero. Ela pode sondar, por exemplo, no trabalho que realiza com os/as educandos/as, que tipos de texto didático e de literatura estão sendo utilizados, que tipo de linguagem e imagens, que tipo de música etc. Isso tudo deve ser verificado pelos/as educadores/as, pois assim perceberão como a escola é perpassada pelos papéis de gênero, ou seja, pelas construções sociais e culturais de “masculino e feminino”. Em outras palavras, esse/a profissional deve identificar e analisar situações do cotidiano escolar sob perspectiva dessas diferenças de gênero, tais como: brincadeiras na educação infantil; jogos na aula de educação física; formação de filas; escolha dos livros didáticos; escolha das profissões (PEREIRA et al, 2007). Nessas situações, ele poderá trabalhar para que diferenças de gênero não ocorram. “Por isso, cabe a eles/elas estar atentos para não educarem meninos/as de maneiras tão distintas” (LOURO, 1997, p.7).

Se as identidades de gênero estão se construindo e se transformando, há a necessidade de esses/as profissionais terem um olhar social e crítico diante dessas diferenças de gênero.

Assim, o debate precisa se disseminar nos ambientes acadêmicos e educacionais, para que a inclusão da temática “gênero” seja efetivada, de fato, nos currículos escolares. Dessa forma, professores/as das diferentes disciplinas poderão lidar com o tema e com situações do cotidiano relacionadas a ele. Com esse procedimento, estaremos contribuindo para que a escola não seja um instrumento de preconceitos, mas de promoção e valorização das diversidades que enriquecem a sociedade brasileira. Por isso, a escola se configura como o caminho mais consistente e promissor para um mundo sem intolerância, mais plural e democrático.

Dessa forma, por meio do desenvolvimento deste trabalho buscamos a orientação de/das professores/as, equipe pedagógica, funcionários/as e posteriormente estudantes, como resultado do trabalho do curso ofertado aos/às próprios/as cursistas. Esse trabalho aconteceu por meio de um curso de 32h/a, no qual houve a aplicação dos textos que falavam a respeito da problemática das diferenças de gênero na escola. Em seguida, pedimos que eles/as fizessem um levantamento por meio de um questionário, utilizando observações do dia-a-dia escolar, sob perspectiva das diferenças de gênero. A finalidade desse questionário consistiu em verificar se existiam, no espaço escolar, discriminações ou preconceitos relacionados a essas diferenças.

De posse desses dados, os/as cursistas desenvolveram projeto ou mini-projeto, com intenção de uma intervenção pedagógica, cuja finalidade era a de resolver e de evitar tais discriminações ou preconceitos que, por ventura, existissem na escola que foram sondadas pela pesquisa realizada. Após o questionário, sugeriram à equipe pedagógica que esta fizesse o acompanhamento desse projeto e que realizasse ou incentivasse mudanças de conduta, a saber: em certas situações dentro do pátio da escola, em relação ao uso da quadra só por meninos, com referência às aulas de Educação Física, que fossem aulas mistas, no acompanhamento das brincadeiras nas aulas de 1^a à 4^a série, o uso de um linguajar não-sexista, e a organização de filas mistas etc.

As dinâmicas propostas tinham o intuito de reforçar a aprendizagem a respeito do tema, e também a finalidade de tornar o curso mais dinâmico,

participativo e não só teórico, em que o/a cursista interagisse e debatesse sobre a temática.

Por meio dessas dinâmicas, o/a cursista pode refletir sobre certas situações de diferenças de gênero que ocorrem em seu contexto escolar e como ele/a se comporta em relação a essas situações. Analisou, também, se comete atitudes discriminatórias no seu dia-a-dia, e como resolveria certas situações relacionadas a essas diferenças de gênero. Pode analisar e refletir sobre suas ações a esse respeito com os/as seus/suas alunos/as e, inclusive, na educação de seus/suas filhos/as, se está agindo de forma inadequada nas atitudes que toma diariamente.

Para se começar a elaborar conceitos sobre diferenças de gêneros, é necessário fazer uma reflexão a respeito das diferenças entre masculino e feminino em nível do funcionamento do cérebro e dos hormônios e verificar se são realmente somente estes fatores os responsáveis nesse processo, ou se existe algo a mais interferindo nessa questão, principalmente por nossa formação como bióloga.

Assim, iniciando nossa reflexão, sabemos que em nossas gônadas masculinas e femininas é que são produzidos os hormônios que serão responsáveis pelo comportamento sexual, pela configuração corporal e pela diferenciação da gônada embrionária (MAGALHÃES & SILVA, 1975, p.73 a 78).

O hormônio androgênio atua no homem no desenvolvimento das características sexuais secundárias, na manutenção dos testículos e em seu trato reprodutivo (MAGALHÃES & SILVA, 1975). “Já na mulher é o hormônio estrogênio que provoca o aparecimento das suas características sexuais femininas” (GUYTON, 1981, p. 412).

E isso ocorre porque é esse hormônio que proporciona a multiplicação dos elementos celulares respectivos, em regiões determinadas do corpo. Outro efeito ainda não muito conhecido do hormônio estrogênio é a proliferação de células fetais, colaborando na diferenciação de algumas delas em órgãos especiais. Ele também poderá agir no controle do desenvolvimento de algumas características sexuais femininas (GUYTON, 1981).

Na base do encéfalo está localizada uma glândula chamada hipófise, que secreta o hormônio gonadotrópico chamado hormônio folículo estimulante, que atua nos folículos primários do ovário, fazendo que cresçam, provocando a proliferação das células foliculares que circulam o oócito primário. E essas células é que irão secretar esse principal hormônio ovariano da mulher, o estrogênio (GUYTON, 1981).

Já no feto masculino dentro do útero materno, é o testículo que produz testosterona para desenvolver órgãos sexuais masculinos e características secundárias masculinas. Após o nascimento da criança os testículos param de produzir a testosterona, só reaparecendo sua produção na puberdade, para induzirem os órgãos masculinos a retomar seu crescimento. Agem também para dar ao homem adulto suas características distintas (GUYTON, 1981).

Sobre a determinação do sexo na criança, é o homem quem o determina, pois é em seu espermatozóide que existe o par sexual, ou seja, um dos 23 pares de cromossomos existentes em nossas células. No homem, em suas células sexuais, encontramos um cromossomo X (cromossomo feminino) e um cromossomo Y (cromossomo masculino) e, na mulher encontramos em suas células dois cromossomos X.

Cada espermatozóide carrega um tipo de cromossomo. Um espermatozóide contém o cromossomo Y e o outro contém o cromossomo X. Já o óvulo contém um único cromossomo X, quando é fertilizado por um espermatozóide que contém um cromossomo X ficará, então, com um par de cromossomos XX, formando, assim, uma menina. Quando o óvulo se encontrar com o cromossomo Y, criará um par XY, dando origem a um menino (GUYTON, 1981).

Observamos até o momento as explicações para as diferenças entre homem e mulher nas causas biológicas, científicas, baseadas no cérebro e nos hormônios. Mas a descrição que foi realizada acima explicaria, por si só, as questões da separação do homem e da mulher em gêneros distintos? Essas explicações não podem estar somente encobrendo a socialização que nos tornou humanos e que nos fez divididos em gêneros distintos?

“A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher” (BRAGA, 2007, p.214), pois as Ciências Sociais explicariam que as diferenças de gênero são socialmente e culturalmente construídas, o que nos ensinaria a nos comportarmos segundo determinado padrão, com certas atividades masculinas e femininas, construindo, assim, o gênero. Por fim, podemos descrever gênero como sendo o conjunto das representações sociais e culturais, ou seja, o desenvolvimento das noções de masculino e feminino como uma construção social (PEREIRA et al, 2007).

A escola marca espaços, informa qual deve ser o “lugar” de meninos/as, assim como as ações da maioria dos profissionais envolvidos na Educação

(professores/as, direção, coordenadores/as, porteiros/as, zeladores/as etc.) e que acabam concordando com as atitudes realizadas pelos/as alunos/as (LOURO, 1997 *apud* BRAGA, 2007).

Como por exemplo, na Educação Infantil e nas séries iniciais da Educação Fundamental, os/as profissionais que atuam, em sua maioria, são mulheres, que com alguns estereótipos, ações e atitudes, contribuem para a diferenciação de gênero, que é incorporada por meninos/as. Por isso, esse/a profissional, ao realizar seu trabalho, tem de analisar que tipo de brinquedos e brincadeiras deve elaborar com essas crianças, para que assim não reforce as diferenças de gênero. O/A educador/a deve estar preparado/a para discutir se os carrinhos e as brincadeiras de lutas podem ser considerados somente como brincadeiras de meninos, e já as bonecas e brincadeiras quietas como se fossem somente brincadeiras de meninas (BRAGA, 2007).

A menina, por exemplo, não deve receber somente brinquedos de miniaturas de objetos domésticos, levando-a a propensão ao trabalho doméstico, não oferecendo assim alternativa ao seu futuro. Já para os meninos são ofertados somente carrinhos, objetos de lutas, assim incentivando-os ao uso do corpo para a luta e o gosto pela velocidade (PEREIRA et al, 2007).

Nós como educadores/as precisamos nos preocupar com tudo isso, porque os modelos de homem e mulher que as crianças têm à sua volta são decisivos na construção de suas referências de gênero.

Assim, a equipe pedagógica e a direção devem perceber que os/as professores/as das séries iniciais estão longe de realizar o seu trabalho com estas preocupações, por isso, a escola deve sempre realizar cursos, palestras com estes temas, debates ou estudos na semana pedagógica, pois a instituição tem uma rotatividade muito grande de profissionais que entram sem nunca ter ouvido a respeito do assunto. Faz-se necessária, então, essa intervenção junto a esses profissionais.

A equipe pedagógica muitas vezes fica perdida com tantas outras tarefas alheias à sua função que acabam não cumprindo o seu papel que é de orientar o/a professor/a como nas questões de gênero, que no momento do planejamento poderiam ser vistas e incorporadas ao plano de trabalho docente desse/a profissional. Muitos trabalhos ficam perdidos no esquecimento por não haver esta cobrança de serem realizados.

A escola dá ênfase à Festa Junina e muitas outras questões, em que é cobrado dos/as professores/as por uma semana ou até mais e esquece-se de trabalharem questões de suma importância que geram indisciplina, discriminações. O Projeto Político Pedagógico (PPP), elaborado pelos/as professores/as durante o curso, quase nunca é visto ou comentado pela equipe pedagógica, e o/a professor/a fica sem Norte, sendo um documento puramente burocrático.

Outro fato importante para se prestar atenção na escola é quanto à formação de filas, que possui o objetivo de manter a ordem, só que isso pode provocar diferença de gênero entre os/as envolvidos/as (PEREIRA et al, 2007).

Portanto, é na escola que as crianças irão aprender com as situações de discriminação de gênero, ou seja, acabam sendo reforçadas as diferenças sociais entre meninos e meninas como se fossem “naturais” (PEREIRA et al, 2007). As mulheres aprendem a se sentir incluídas no gênero masculino. Observem o exemplo da educadora ao entrar em sala: - “Bom dia, alunos!”

Destacamos o uso da expressão no masculino: o “professor”, o “aluno”. Então, devemos usar uma linguagem não-sexista para dar visibilidade à presença das mulheres e reconhecer a sua contribuição social (PEREIRA et al, 2007).

A disciplina de Educação Física, na escola, pode contribuir muito com o seu trabalho na constituição da identidade de gênero. Só que percebemos que alguns/algumas professores/as têm certa resistência para a realização de mudanças em suas aulas, e que por isso estão se utilizando de uma série de argumentos, como, por exemplo, o de ordem biológica, para a manutenção da saúde e da higiene, para realizarem a separação das turmas femininas e masculinas, com a idéia de que as mulheres são fisicamente menos capazes do que os homens (LOURO, 1997). “Quanto à sexualidade das meninas, levam-nas a evitar jogos que tenham ‘contato físico’ ou certa dose de ‘agressividade’” (SCRATON, 1992, p.13).

E também existem escolas que adotam esse sistema de separação de meninos e de meninas, nas aulas de Educação Física, achando-o natural. Buscam justificativas, nas áreas de Ciências Biológicas, de que homens e mulheres teriam corpos biologicamente distintos, o que impossibilitaria a prática conjunta nessas aulas. Essa separação, a partir de diferenças entre o sexo feminino e o masculino, significa diferenças de gênero. Argumentações como essas vêm impedindo que sejam propostas às meninas a realização de jogos ou atividades físicas tidas como masculinas (PEREIRA et al, 2007).

“Se observarmos as aulas de Educação Física, constatamos que os meninos ocupam espaços mais amplos do que as meninas dentro das quadras.” (PEREIRA, 2007, p.9). Dessa forma, os/as profissionais da educação devem pensar em resoluções para esses problemas.

Os/as professores/as, quando vão fazer a escolha dos livros didáticos, devem também estar atentos/as, porque de forma indireta eles estão orientando sobre as questões de gênero, como por exemplo, por meio de seus textos escritos, de suas imagens, de suas fotografias, e na forma como apresentam e constroem culturalmente as mulheres e os homens (PEREIRA et al, 2007). Como já afirmamos, os livros didáticos podem abordar as relações de gênero. Por exemplo, os livros de História do Brasil devem fazer referência às mulheres, devem comentar a conquista das mulheres pelo direito ao voto, trazer a história do movimento feminista do século XX. Já nos livros de Ciências, deve-se prestar atenção se as imagens são de corpos femininos ou masculinos (PEREIRA et al, 2007).

Os livros de História vêm retratando uma imagem puramente masculina, branca e heterossexual, enquanto a mulher e os gays, por exemplo, não são discutidos. Os livros não incorporam uma história social preocupada com a desconstrução dos estereótipos de gênero e da superação das desigualdades sociais entre homens e mulheres (PEREIRA et al, 2007).

Alguns homens são considerados diferentes por se afastarem do padrão hegemônico que a sociedade apresenta e, dessa forma, experimentam práticas de discriminação ou subordinação. Na nossa sociedade, são tidos como diferentes aqueles/as que não fazem parte da hegemonia branca, masculina heterossexual e cristã (LOURO, 1997).

Constatamos que realmente estas relações de gênero não aparecem nos livros didáticos que se utiliza em sala de aula e que na escolha do livro didático pelos/as profissionais da educação quase nunca se analisam os livros com um olhar voltado para essas diferenças, pois eles nunca tiveram acesso a esses estudos, e muitos/as profissionais nem imaginam que se trata do assunto gênero. É por meio de estudos, que esses/as profissionais irão perceber que estes livros vêm reforçando as diferenças de gênero. Perceberão também que não só os livros, mas a escola e a sociedade têm dificuldade cultural, sexual, étnico-racial entre outras, e necessita, com urgência, encontrar meios para vencer esses preconceitos e discriminações existentes.

Já ouvimos comentários de orientadores/as educacionais falando que o aluno com aquele comportamento indesejado, com a forma que se vestia, se maquiava era uma provocação, um insulto aos/às demais alunos/as. Como que ele não queria se sentir excluído/a com um comportamento desses, se era ele quem estava provocando aquela situação de exclusão? Ao invés desse/a orientador/a conversar com a turma e trabalhar a aceitação do aluno, ele/a preferiu que realmente o menino mudasse de conduta e entrasse na norma estabelecida da heterossexualidade, pois ele/a próprio/a não o aceitava.

“O que percebemos é que a instituição escolar, de certa forma, propõe a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais, nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve” (LOURO, 1997, p.81).

É mais fácil trabalhar com a heterossexualidade que já estão acostumados/as e que não requer estudo, pesquisa, cursos. É assim que a escola terá de conduzir seus trabalhos daqui para frente se não quiser continuar com problemas de indisciplina, discriminações e preconceitos.

Assim percebemos que as escolas, sob pressão cultural, acerca de qualquer tipo de manifestação de comportamento distinto dos padrões de gênero pré-estabelecidos para cada sexo, ou seja, do padrão cultural que muitas vezes se restringe à heterossexualidade e ao exercício de sua sexualidade, pode levar o/a homossexual à exclusão (REVISTA EDUCAÇÃO GRANDES TEMAS, 2008).

Muitas escolas dizem respeitar as diferenças, incluindo a aceitação do/a homossexual, só que denotamos, ainda, que algumas instituições escolares estão lidando com o discurso de que ser homossexual é desrespeitar a “natureza” do que é ser homem ou ser mulher, ou ainda, com a associação entre violência e masculinidade, que exige de meninos e jovens do sexo masculino prova de aptidão, tanto em termos de agressão verbal quanto física. (REVISTA EDUCAÇÃO GRANDES TEMAS, 2008).

Percebemos na escola que realmente o menino que é mais educado, não agressivo, recebe por parte dos/as colegas e dos/as profissionais da educação comentários que ele tem tudo para ser homossexual. São revoltantes tais atitudes em que o menino acaba se sentido excluído e pode começar a criar atitudes de indisciplina, isolamento, entre outras.

Existem, em algumas escolas, pedidos de expulsões ou transferência dos/das homossexuais. Querem retirá-los/las por estarem fora do padrão de normalidade.

Essas escolas acreditam que jovens com orientação sexual distinta da heterossexual possam “contaminar” as crianças consideradas como normais (PEREIRA et al, 2007).

A figura do/a aluno/a homossexual por si só é considerada “indisciplinar”, motivando de forma camuflada punições (suspensões e expulsões), que são justificadas como de mau comportamento, indisciplina. É difícil trabalhar o tema homossexualidade, mas temos que enfrentar essa questão para não continuarmos legitimando preconceito, discriminação e homofobia nas escolas (PEREIRA et al, 2007).

Com este contexto apresentado, podemos perceber que a escola exerce um grande papel na desconstrução dos estereótipos de gênero, nos preconceitos e nas discriminações.

A *Revista Educação e Grandes Temas* (2008, p.15), descreve “que já houve várias iniciativas pelo país de introdução do tema gênero e do tema sexualidade no currículo e na formação continuada”. No entanto, perguntamos: quais são as disciplinas dos cursos regulares de formação docente que preparam professores/as para isso?

Professoras e professores continuam sem subsídios para trabalhar essas questões. E isso vem ocorrendo, como já comentamos acima, pela falta de cursos de capacitação, pela falta de disciplinas que contemplem esse tema, em cursos regulares de formação docente etc.

Podemos dizer que algumas escolas ainda continuam negando outros fatores como os psicológicos, sociais, históricos e culturais, e que certas escolas e algumas práticas docentes continuam reproduzindo a estrutura de poder e dominação presente em nossa sociedade.

2 DESENVOLVIMENTO

O Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) de formação continuada dos/as professores/as do Paraná foi implantado em 2007 com a participação de 1.200 professores/as. Este programa visa uma integração entre a Educação Básica

e o Ensino Superior em que ambos aprendem com essa troca de experiências. Tem por meta o investimento na qualidade, na qualificação e na capacitação dos/as professores/as fazendo que haja uma mudança dentro da escola, resultando numa melhoria da prática, ou seja, dos problemas da educação básica.

O PDE é uma socialização do conhecimento com o apoio da tecnologia na formação de professores/as (ou de trabalhos) em rede. Enfim, o objetivo do PDE é a melhoria da qualidade da educação pública, com possibilidade concreta de transformação da realidade educacional. Tem um efeito socializador porque suscita a promoção de carreira, e também traz a valorização profissional, ou seja, melhores condições de trabalho. Para que isso aconteça, é preciso que tudo seja acompanhado pela formação continuada desses/as profissionais visando à melhoria de sua prática docente. Isso ocorre, também, por meio da elaboração de material impresso que pode ser repassado para os/as cursistas e outros/as profissionais de maneira a garantir a socialização das idéias trabalhadas. Com a melhoria das condições de trabalho, com a capacitação dos/as profissionais da educação, e com as condições pedagógicas oferecidas aos/às mesmos/as tudo isso fará com que a educação, de fato, melhore.

Assim, desta forma em 2008, a segunda turma de 1200 professores/as na qual estamos incluídas, iniciaram as atividades no PDE com cursos e contato com a Instituição de Ensino Superior (IES), na qual receberíamos a capacitação necessária para a efetivação do Plano de Trabalho Docente a ser implantado na escola. O PDE nos proporcionou um crescimento e um avanço muito grande, pois nos incentivou à produção de materiais didáticos, artigos, socialização do que estudamos com outros/as professores/as por meio de cursos à distância - Grupo de Trabalho em Rede (GTR), e pela implementação na escola do que iríamos pesquisar e daquilo que iríamos tentar modificar na comunidade escolar. Da mesma forma, as IES também tomaram conhecimento da realidade escolar dos professores/as das redes Estaduais de Ensino.

As mudanças em nossa comunidade escolar começaram na Semana Pedagógica pela exposição do plano de trabalho do PDE, cujo tema era “Condutas Pedagógicas sobre Gênero na Escola”, o qual despertou a participação dos/as professores/as e equipe pedagógica pelo assunto em pauta.

A implementação deste plano no Colégio Estadual Tomaz Édson de Andrade Vieira ocorreu no período de quatro de março de dois mil e oito a dois de maio de dois mil e oito, por meio de um curso de extensão fornecido pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). O curso iniciou com uma palestra da Dr^a. Eliane Rose Maio Braga sobre “Diferenças de Gênero e Sexualidade”. A palestrante falou sobre as diferenças entre os meninos e as meninas e como elas são ressaltadas conforme a maneira que os/as educamos. A partir disso, a professora fez uma correlação com a sexualidade. O público alvo da palestra foi professores/as, equipe pedagógica, funcionários/as, alunos/as do ensino médio.

Em um segundo momento, que foi coordenado por nós, foi trabalhada a leitura de textos pelos/as participantes do curso e também respondidas questões referentes a cada texto. Após a leitura, realizada por equipes, aconteceu a discussão das questões em conjunto num grande grupo.

Nesta discussão comentada pelos/as participantes do curso ficaram decididos e comentados alguns temas como:

- A respeito das diferenças de gênero ser biológica ou socialmente construída.
- Se um menino brincar com meninas de casinha, ele aprenderá o papel de ser pai, de ser colaborativo com a esposa. E também, se a sua mãe (ou pai) dá tarefas como a de ajudar a arrumar seu quarto, de lavar seu tênis, este menino crescerá uma pessoa que não fará divisão de tarefas femininas e masculinas, e se isso não ocorrer teremos essa tradicional divisão do trabalho entre os sexos que hoje é duramente criticada.

- Quanto à questão das filas ficou decidido que deve ser inserida de forma gradativa, ou seja, primeiro deve ser realizado um trabalho sobre gênero com as crianças para entenderem sobre esse assunto e assim acostumarem com a inserção das filas dos meninos junto às filas das meninas e assim poderem passar esse novo estilo de fila adiante nas próximas séries que irão cursar.

- Em relação ao uso da linguagem sexista na escola houve “discordância” por parte dos/das professores/as que não acham que o uso dessa forma de linguagem possa reforçar a manutenção de uma sociedade predominantemente masculina ou excluir a presença da mulher da sociedade, e que realmente por meio dela possa reforçar essas diferenças.

- Com relação às brincadeiras que os meninos fazem em sala, ficou combinado que deve ser discutido com eles que são brincadeiras de violência e

preconceituosas. E que devemos, por meio de conversas, tentar melhorar as atitudes e valores deles em relação a esses tipos de brincadeiras com os colegas, mostrando-lhes o porquê de fazer esse tipo de brincadeira relacionando-as com as questões de gênero, evitando, assim, a violência e o preconceito.

- Quanto à questão da homossexualidade eles/as acreditam que em nossa sociedade ainda exista esta discriminação. Percebem que muitos/as educadores/as não estão preparados/as para enfrentar esse desafio, pois ainda hoje é considerado um tabu este assunto e faltam conhecimento, estudos e discussão para conseguirmos lidar com isso na escola. Acreditam que enquanto educadores/as devem combater qualquer tipo de discriminação e preconceito. E acham que após estes estudos e reflexões, os encaminhamentos referentes a essas situações serão abordados de maneira mais coerente.

Aconteceu também pelos/as professores/as do curso o estudo de cinco “Casos” retirados da bibliografia de Vitelo (1997), que foram colocados como atividades para serem desenvolvidas pelos/as participantes, os quais colocaram suas opiniões, que depois foram debatidas.

Em relação ao estudo dos cinco casos estudados citaremos algumas considerações a respeito. Em um deles foi discutido que a mídia exagera em seus programas em nome de uma democracia e liberdade de expressão. Elas/es são totalmente contra as “pegadinhas” que aparecem em vários programas considerados “bons” pela população em horários nobres. É uma falta de respeito ao ser humano, e ainda a população ri, achando graça das situações apresentadas referentes aos Gays. Só que o problema da televisão é a audiência, e o grupo que é focado gosta de situações como essas. Hoje constatamos que é difícil o canal de TV que se preocupa com estas questões.

Assim sendo, os/as nossos/as alunos/as, funcionários/as, professores/as precisam ser mais trabalhados/as para que haja mudança de postura em relação às piadas sobre homossexuais tendo em vista toda essa discussão pela mídia (imprensa falada e escrita), caso contrário fica difícil combater o preconceito sem uma conscientização.

Outro estudo de caso relatava a questão do menino brincar de bonecas. Chegaram à conclusão de que os meninos devem e podem brincar de boneca, porém, elas/es não incentivariam um menino a comprar uma boneca ou dar uma boneca de presente a um menino. Então, ainda denotamos medo em relação a

essas questões de estar influenciando um menino a ser menina se ele brincar ou ganhar uma boneca.

Pereira et al (2007) relata que até a forma que os meninos e as meninas brincam, na infância, pode influenciar inclusive na escolha das profissões que terão no futuro.

No estudo de outro caso foi retratada a situação de uma professora em sala que teve de resolver a questão do uso da cor azul para meninos e rosa para meninas. Após essa discussão ficou como uma sugestão para a professora de Artes que ao trabalhar o assunto cor em suas aulas poderia aproveitar e falar das questões relacionadas às diferenças de gênero como o uso da cor rosa para as meninas e o uso da cor azul para os meninos.

Em outra questão foi falado sobre os livros didáticos fazerem diferenças de gênero, então citaram como exemplo os livros de História que achavam que faziam referência às mulheres, ao movimento feminista e à luta pelo direito ao voto, porém, essas referências eram superficiais. Não faziam referência à história das mulheres negras e indígenas, por exemplo. Na verdade, a escola deveria trabalhar com profundidade o Dia da Mulher, a história do movimento feminista e a luta da mulher na sociedade.

Debateram também sobre os livros de Ciências que não mencionam o tema gênero, a não ser quando tratam das Doenças Sexualmente Transmissíveis. Já com relação ao livro de Língua Portuguesa, foi colocado que ele deveria em alguma lição abordar uma história de amor entre dois rapazes. Qual seria a reação dos/as estudantes? E das mães e pais?

Em relação a esta questão colocaram que os/as estudantes ainda não estão preparados/as para essa discussão e que os pais e as mães iriam criticar a adoção desse livro, pois na escola tem filhos/as de pastores etc.

A escola tem que trabalhar para formar cidadãos/ãs críticos/as, afinal, não está trabalhando para os pais e para as mães, ou seja, para o que eles/as querem. Continuando assim, verificamos que a escola permanece conservadora, tradicional e mantenedora da discriminação.

Outra questão abordada fazia referência às aulas de Educação Física, em que a maioria das pessoas continua a achar que meninos são mais fortes e jogam futebol com violência, ou seja, chutam muito forte e como as meninas são mais frágeis e delicadas não tem como eles jogarem juntos.

Quanto ao uso da quadra esportiva, que também é utilizada mais pelos meninos do que pelas meninas, tanto na saída como no horário do recreio, não encontraram nenhuma alternativa, pensaram em não deixar mais os meninos jogarem na saída, mas isso não seria uma solução para o problema, pois não deixaria transparecer uma igualdade entre os gêneros.

Em uma das etapas do curso foi também trabalhado o filme “Billy Elliot” com os/as professores/as os quais relataram que este trazia a questão do preconceito existente naquela sociedade quanto à prática de ballet por um garoto, pois aquela sociedade considerava o ballet uma dança de meninas ou de gays.

Percebida essa situação também em nossa sociedade poderíamos pensar em introduzir nas práticas dos/as professores/as e equipe pedagógica a interação, discussão e a reflexão de assuntos referentes ao gênero, fazendo da sala de aula um espaço para debates com a análise de textos, artigos, músicas pelos/as alunos/as etc. aproveitando também, sempre que possível, as situações de discriminação para se discutir com os/as alunos/as aquele determinado assunto, levando-os/as à reflexão do problema, pedindo idéias para a solução do problema, e procurando sempre fazer com que a classe se coloque no lugar do/a discriminado/a, colocando em evidência o respeito de um/a para com o/a outro/a.

Os/as cursistas relataram que não estimulariam o filho a gostar de ballet, e se o filho quisesse também desviariam a atenção para outra coisa. A pessoa que gosta de música é mais sensível. Então, associaram que sensível tem haver com gestos delicados. Acham que o ballet tem gestos delicados e que por isso é coisa de menina.

Foi comentado que o homem mais sensível é aquele que vai ser amoroso com a companheira, é aquele que não precisa mostrar agressividade para ser masculino, não precisa falar palavrões e mostrar por meio dessas ações que é homem.

O filme mostra que Billy se espelha na mãe em seu lado não agressivo, musical, pois não quis seguir o lado violento e agressivo do pai. E o tempo todo na dança ele se comportava como homem. Outros/as colocaram que o homem no ballet é que usa mais a força, ele é o príncipe nos papéis, faz o papel de dançarino e de homem durante a dança e que os passos muitas vezes são diferentes dos das meninas.

Nessas discussões foi sugerido que a professora de Educação Física trabalhasse com dança com as suas turmas e aproveitasse para falar sobre as questões de gênero.

Os/As professores/as realizaram uma “pesquisa de levantamento de dados da realidade escolar” do Colégio Estadual Tomaz Édson de Andrade Vieira, por meio de um questionário, com base na obra ***Gênero e diversidade na escola: formação de professores/as em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais***, de Pereira et al. (2007). As questões foram aplicadas por mim aos/às professores/as, os/as quais responderam por meio de discussão em equipe, obtendo-se os seguintes dados:

- Que existe preconceito por parte de alguns/mas profissionais de forma camuflada e pelos/as próprios/as colegas contra os/as alunos/as homossexuais, pois fazem piadinhas, colocam apelidos e fazem discriminação pela postura e pelo tom de voz mais delicada que o aluno apresenta, e por isso estes alunos com essas “características homossexuais” são chamados de “viado”, “bichinha”, e sofrem “abusos sexuais” dos/as colegas. Um aluno dessa escola acabou mudando para outra escola devido à falta de compreensão por parte dos/as colegas. Isso também ocorreu pela falta de auxílio da própria equipe de orientação e dos/as professores/as que se encontram despreparados/as e que, por essa razão, não sabem como agir para resolver a questão e, muitas vezes, fingem que não percebem tal situação.

- Em relação às brincadeiras que acontecem no pátio, foi observado que são as de UNO, pega-pega e pega meninas. E também notaram que geralmente estão brincando juntos/as, quando jogam vôlei, queima, mas futebol e outras brincadeiras com bola eles/as geralmente são separados/as. Nesses jogos e nessas brincadeiras estão presentes violência, preconceitos, homofobia etc., pois o menino precisa provar a todo o momento a “heterossexualidade”, já que para ser “homem de verdade”, é necessário ser violento, agressivo, forte. No recreio, a quadra esportiva ainda é domínio dos meninos.

- Nas aulas de Educação Física percebe-se que os jogos de tabuleiro (mesa) geralmente são mistos, e alguns jogos desportivos também são realizados de forma mista por alguns/mas profissionais da área, não sendo todos/as a desenvolverem esse procedimento. Mas aqueles jogos que exigem maior força e contato físico ainda são dominados pelos meninos.

- Na escola, o/a professor/a de Educação Física ou a equipe pedagógica não fizeram uma divisão de espaços quanto ao uso da quadra esportiva como, por exemplo, por dia da semana, em alguns dias elas jogam, e em outros, eles jogam, ou seja, o uso da quadra é predomínio dos meninos. E isso poderia ser estimulado, para se trabalhar esses jogos e brincadeiras dando ênfase à questão de gênero. Mas percebe-se que isso é feito somente por alguns/as profissionais.

No entanto, mesmo assim notamos que é mais a área da Educação Física que vem trabalhando de forma mista com os alunos e alunas. As outras áreas procuram fazer trabalhos em duplas de meninos e meninas, ou seja, mesclados com maior dificuldade, equipes na sala de aula juntos/as depende da interferência da/o professor/a.

Percebemos na escola, na fala dos/as professores/as, direção, equipe pedagógica e funcionários/as o não uso biforme do gênero, ou seja, não se utiliza uma linguagem sexista. Por isso, os/as educadores/as precisam refletir constantemente sobre a linguagem que utilizam e também quanto ao uso de imagens, textos literários, músicas, utilizadas por eles/as. Devem destacar homens e mulheres que ocupam diferentes posições nas diferentes dimensões da vida social, na construção de um olhar social e crítico às diferenças de gênero.

- Foi discutido a respeito das questões de gênero não estarem inseridas no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, nem nos planejamentos das aulas dos/as professores/as.

- Os/as professores/as relataram que na escolha do livro didático nunca haviam feito essa reflexão com essa perspectiva de gênero e a partir deste estudo se dizem mais críticos/as e seletivos/as na escolha do seu material de apoio para a fundamentação do seu trabalho. E também disseram que nem os/as escritores/as se atentam para estas questões de gênero na elaboração dos seus livros.

- Investigamos que a lista de chamada é feita por ordem alfabética e por isso, não há separações dos nomes dos meninos dos das meninas.

- Em uma das questões do questionário perguntamos aos/às professores/as: “Faz parte da ‘natureza’ feminina ser professora?” Responderam que não. Que é uma questão de escolha profissional, histórica e cultural.

Realmente, essa escolha pode ser induzida pela sociedade que coloca como parte da natureza feminina ser professora por causa da delicadeza que a mulher possui e do seu instinto materno. Entre muitas outras profissões que também são

consideradas femininas por que requer cuidado com o outro como, por exemplo, a enfermagem. Assim, a sociedade vai direcionando meninos e meninas a seguirem estas áreas profissionais consideradas como femininas e masculinas.

Em outro encontro, com base nas discussões das questões dos textos, e da análise do questionário, pedimos aos/às participantes que formulassem “sugestões de mudanças na escola”, sendo que surgiram as seguintes propostas:

- Mudança na organização da fila, transformando-as em filas heterogêneas;
- Montagem de um projeto pelos/as participantes do curso sobre o tema estudado, que deveria ser colocado no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola para ser desenvolvido;
- Que nas reuniões da semana pedagógica seja repassado ou comentado, por meio de textos, o projeto, para ser seguido como um Norte a ser trabalhado pelos/as professores/as deste estabelecimento. Este tema também pode ser colocado dentro de cada planejamento destes/as profissionais;
- O envio de um e-mail aos/às autores/as dos livros didáticos referentes às imagens masculinas e brancas que estes livros trazem, e também dos textos voltados à figura masculina;
- No mapeamento de sala (espelho) misturar os meninos e meninas;
- Policiamento por parte dos/as professores/as quanto ao chamar a atenção
- dos modos/maneiras das meninas ao sentar, portar, falar. Como por
- exemplo, “isso são modos de uma menina se sentar, fecha a perna” etc.,que não devem ser mais preconizados;
- Mesclar a formação de equipes de trabalho, mesmo em casos de duplas;
- Misturar as meninas e os meninos na organização das filas para o lanche;
- Melhorar a linguagem de identificação da placa da sala dos professores/as usando o gênero biforme;
- Observar a forma como faz a chamada para não causar constrangimento ao aluno ao fazê-la pelo número, devido que ao chamar o número vinte quatro os/as alunos/as chamam o menino de “gay” então, por isso, deve ser realizada pelo nome do aluno ou aluna;
- Nas aulas de Educação Física, se possível, fazer a mistura na formação desportiva dos times e jogos de tabuleiro. E pelo fato de os meninos

ocuparem espaços mais amplos que as meninas, deveriam organizar uma divisão dos espaços, como por exemplo, por dia de semana: em alguns dias elas jogam, em outros eles. E estimular a prática conjunta de esportes de meninos e meninas;

- Em reuniões direcionar os dois gêneros da palavra: alunos e alunas, professor e professora, ou seja, o não uso da linguagem sexista;
- A Equipe Pedagógica da escola juntamente com a direção auxiliar baseando-se nos Projetos da Agenda 21 que está inserida no PPP da escola desenvolverá um projeto denominado “Resgatando Valores”, em que será inserida a importância da aceitação das diferenças de gênero do homossexual, ou seja, a aceitação do/a outro/a, do respeito pelas diferenças do outro. A/a professor/a também não deverá aceitar qualquer situação de discriminação em sua sala trabalhando com os alunos sobre o assunto. E deverá conversar sobre os tipos de brincadeiras de violência ressaltando que elas ocorrem porque o menino precisa mostrar que é “macho” o tempo todo;
- Passar na Semana Pedagógica que tipos de músicas são tocadas e se elas fazem discriminação de gênero, os tipos de textos didáticos e de literatura utilizados, sobre a linguagem e as imagens a serem usadas em sala de aula etc;
- Nas disciplinas do Ensino Fundamental trabalhar essas questões de gênero com os/as alunos/as por meio de textos, músicas, filmes e resolução de situações problemas em equipe. E deve ser inserido em seus planejamentos;
- Em Artes o/a professor/a poderá trabalhar as questões de gênero quando falar de cores;
- Trabalhar dança na Educação Física com os alunos e alunas abordando as questões de gênero;
- Na área de Ciências, na 7ª série do Ensino Fundamental, trabalhar essas questões de gênero com os/as alunos/as, quando se iniciar a Educação Sexual, por meio de textos, músicas, filmes e resolução de situações problemas em equipe;

- Na escolha dos livros didáticos observar quais as imagens são exploradas se são imagens só masculinas, ou seja, que reforçam o lado masculino ou o gênero masculino, o tipo de texto;
- Na Educação Infantil, orientar os/às professores/as quanto aos tipos de brinquedos que irão utilizar para trabalhar com as questões de gênero. Dessa forma é possível rever os papéis das meninas e dos meninos na sociedade e também perceber como as brincadeiras estão denunciando as diferenças de gênero. A equipe pedagógica deve fazer o acompanhamento dessas atividades com esses brinquedos dando suporte aos/às professores/as, orientando-os/as para que prestem atenção nos tipos de brincadeiras que estão passando às crianças, para evitar à discriminação, relacionadas às diferenças de gênero;
- Nestas atividades estes/as profissionais devem observar se os carrinhos e as brincadeiras de lutas são somente para meninos. E quanto às brincadeiras quietas e de bonecas são somente de meninas? Ou se pode mesclar e buscar a equidade de gênero. Devem aproveitar também e trabalhar com os tipos de brincadeiras de “violência” existente entre os meninos. O profissional deve entender que essas ocorrem porque o menino precisa mostrar que é “macho” o tempo todo.

Pereira et al (2007) relata que não devemos oferecer à menina somente brinquedos de miniaturas de objetos domésticos, levando-a a propensão ao trabalho doméstico, não observando assim alternativa para o seu futuro. Para os meninos são ofertados carros, objetos de lutas etc. e assim incentivado o uso do corpo para luta e o gosto pela velocidade. Os modelos de homem e mulher que as crianças têm à sua volta são decisivos na construção de suas referências de gênero.

Para que estas sugestões realmente aconteçam, deve haver o acompanhamento desses/as profissionais pela equipe pedagógica e o interesse da direção em reforçar essas questões, fazendo-os enxergar que tudo isso está no PPP da escola e que deve ser estudado, trabalhado ou realizado na Semana Pedagógica. Mas acreditamos que o Núcleo de Educação também deve intervir nas escolas fazendo valer que realmente se trabalhe com o PPP para a elaboração dos Planejamentos na Semana Pedagógica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que há dificuldades de se trabalhar com certas questões dentro da escola como o gênero, não há pesquisa, nem estudos para resolução estas e de outras questões. Quando não resolvidos estes problemas irão gerar indisciplina, exclusões dentro e fora da sala de aula. Por essa razão, escolhemos este tema, com este trabalho de intervenção desenvolvido na escola, cujo objetivo era resolver situações que ocorriam dentro de sala de aula, no pátio, por profissionais que denotavam discriminações relacionadas às diferenças de gênero.

Estas discriminações nos incomodavam muito e nos sentíamos sem condições ou subsídios para solucioná-las. Percebemos que os profissionais se encontravam nas mesmas condições, com problemas dentro de sala de aula, ou seja, sem nunca terem ouvido falar sobre tais questões.

Com este trabalho do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) na escola, percebemos a chance de estudar o assunto e desenvolver soluções, que poderiam ajudar as nossas aulas, acrescentando aos conteúdos de Ciências, nossa disciplina, e ainda orientando outros colegas, que poderiam mudar certas atitudes ou ações dentro dos seus conteúdos de suas disciplinas ou situações dentro de sala.

O nosso intuito era levar o tema a uma maioria de profissionais para se conseguir um resultado maior pela escola. E também verificamos que realmente aquelas questões estudadas no nosso projeto sobre gênero aconteciam dentro da escola. Por isso, escolhemos este tema para ser desenvolvido no PDE, o qual oportunizou com que estudássemos o assunto, que realizássemos pesquisas ou sondagens do ambiente escolar e que conseguíssemos encontrar soluções para os eventuais problemas encontrados, relacionados às questões de diferença de gênero.

Permitiu também que socializasse o que estudamos em Curso à Distância, fazendo os profissionais de Educação terem conhecimento sobre o tema, para que pudessem melhorar também as suas condições de trabalho.

Pudemos perceber mudanças significativas de postura nos profissionais dessa instituição, após a implementação do projeto. Houve um curso de gênero e a maioria se inscreveu e isso mostrou que realmente despertamos nestes profissionais o interesse em aprofundarem e estudarem mais a respeito do assunto. Já estão modificando as filas, se preocupando com o linguajar sexista, na escolha do livro

didático de 1ª a 4ª série. A pedagoga colocou-os para observarem se os livros estavam trazendo discriminações de gênero; analisaram e escolheram um autor que trazia figuras, textos de forma que se referiam aos dois sexos, por exemplo, figura de uma médica e de um médico, de um pai ajudando a colocar a meia no filho, do casal se ajudando etc.

Sabemos que as mudanças acontecerão lentamente, mas já iniciamos as provocações que foram proporcionadas pelo nosso projeto.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Eliane Rose Maio. A Questão do gênero e da sexualidade na educação. In: RODRIGUES, Elaine e ROSIN, Sheila Maria (Org.). **Infância e práticas educativas**. Maringá: EDUEM, 2007, p. 211-220.

FRIEDEN, Earl; LIPNER Harry. **Endocrinologia bioquímica dos vertebrados**. Tradução: MAGALHÃES, J. R; SILVA, M. T. A. São Paulo. Edgard Blücher. Editora da Universidade de São Paulo, 1975, p. 78-83.

GUYTON, Arthur C. **Fisiologia humana**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981, p. 412-417.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 3ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 7-179.

PEREIRA, M. E. et al (Org.). **Gênero e diversidade na escola**: Formação de professores/as em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: CEPESC. 2007.1 CD ROM.

REVISTA EDUCAÇÃO - GRANDES TEMAS. **Gênero e sexualidade**: Mapeando as igualdades e as diferenças entre os sexos e suas relações com a educação. São Paulo. Editora Segmento. N.2, p.7-15. Março. 2008.